

## Não há quem investigue os acidentes aéreos

### Aeronáutica

Antigo técnico de organismo do Ministério da Economia fala em “total irresponsabilidade e incompetência” do Estado

O Gabinete de Prevenção e Investigação de Acidentes com Aeronaves encontra-se sem um único investigador há sete meses, depois de o último ter cessado funções devido ao limite de idade. O director do organismo tutelado pelo Ministério da Economia, Álvaro Correia Neves, diz que os 42 processos de acidentes/incidentes ocorridos desde 2010 estão acumulados, a aguardar a nomeação de investigadores. A missão do gabinete está “totalmente comprometida, sendo impossibilitada”, enquanto não existirem técnicos suficientes, acrescenta.

“O Governo está a desenvolver os actos legais necessários ao provimento de dois lugares de investigadores por três anos, renováveis por iguais períodos. O processo deverá estar encerrado no prazo de 30 dias”, explica o Ministério da Economia. Até isso suceder, “o gabinete pode recorrer à contratação pontual de investigadores”.

Correia Neves sublinha que a contratação de dois investigadores já está cabimentada no orçamento de 2014, mas alerta para o facto de o número ser “insuficiente” para fazer face às necessidades. “A situação é catastrófica, preocupante, ridícula e imprudente. Como não há investigação e como a prevenção decorre dos resultados das investigações, das conclusões e das recomendações que se extraem dos relatórios finais, também não há prevenção”, sublinha Álvaro Pereira, um dos primeiros investigadores a ingressar neste organismo. Outro antigo investigador, António Barros, acusa o Estado de “total irresponsabilidade e incompetência”.

“Lamento profundamente que se tenha chegado a este estado de coisas. Portugal está sem capacidade de investigar acidentes/incidentes com aeronaves civis. A situação é deveras preocupante e vai levar muito tempo a ser resolvida. Não há investigadores disponíveis no mercado de trabalho, porque o Estado não tem capacidade para competir com a indústria aeronáutica”, frisa Fernando Lourenço, também antigo investigador. **Lusa**



Justiça torna-se a primeira a ficar fora da intervenção da troika

## Programa da troika para área da justiça está encerrado

Governo  
Maria João Lopes

Alguns sindicatos alegam, no entanto, que ainda falta “o mais difícil”: pôr as medidas acordadas em prática no terreno

O programa negociado com a troika para a área da Justiça ficou fechado no âmbito da penúltima avaliação ao programa de resgate, anunciou ontem o gabinete do vice-primeiro-ministro. Alguns sindicatos do sector alegam, porém, que ainda falta o mais difícil: pôr as medidas em prática no terreno.

“Gostava é que fossem os senhores da troika a implementar o mapa judiciário no terreno”, diz o presidente do Sindicato dos Funcionários Judiciais, Fernando Jorge. Uma das medidas acordadas foi a reorganização dos tribunais. O diploma aprovado prevê o encerramento de 20 e a conversão de 27 outros em secções de proximidade, nove das quais com um regime especial que determina a realização de julgamentos nestes locais. Outras medidas incluíam a redução dos processos pendentes em tribunal e a criação de meios alternativos de resolução de litígios, o que passou pelo aumento das capacidades dos julgados de paz.

“Há uma série de reformas concluídas no papel. Falta o resto e essa é que é a parte difícil de executar. E no terreno vai-nos trazer provavelmente muitos dissabores”, alerta Fernando Jorge. Para o sindicalista, as medidas acordadas não tiveram em conta as condições dos tribunais, a capacidade dos sistemas informá-

ticos ou o número de profissionais do sector. Enumera as “condições degradantes e vergonhosas” de alguns tribunais, como o de Lagos: “As casas de banho não funcionam, os tacos do chão estão completamente levantados, as paredes todas pretas e cheias de humidade”, relata. Mas há mais: “Em Vila Franca de Xira estão a trabalhar em contentores num pátio, onde chove lá dentro. No tribunal de Leiria as pessoas estão quase amontoadas umas em cima das outras. No Tribunal de Família e Menores de Aveiro também chove”. “Milhões de processos vão ter de ser transferidos electronicamente com esta reforma. O sistema informático aguenta? Não aguenta de certeza”, alerta.

Também o presidente do Sindicato dos Oficiais de Justiça, Carlos Almeida, considera que “a questão do mapa judiciário não está já fechada” e adianta que o sindicato pondera “apresentar o pedido de inconstitucionalidade de algumas questões”.

A directora do Observatório da Justiça, Conceição Gomes, salienta, por seu lado, que as medidas tiveram em conta sobretudo critérios económicos e lamenta que as áreas “das vulnerabilidades sociais”, como a família, as acções laborais, a protecção das crianças e o sistema prisional tenham ficado de fora. Para a investigadora, Portugal está “pior” no que respeita à “grande cidadania da justiça” e o acesso aos tribunais pelos cidadãos e pelas pequenas empresas “é cada vez mais difícil”. “Aquilo que se considera fechado é um conjunto de medidas no papel, de leis”, diz. Mas isso não significa que se consiga “transformar a justiça numa perspectiva de eficiência, de qualidade, de cidadania”.

## O enterro do berbequim



Nós no mundo  
Ricardo Garcia

Deu imenso dó ver aquele conjunto aos bocados, com a carapaça de plástico esventrada e os mecanismos intestinos para fora. Todas as partes tinham sido cuidadosamente desaparafusadas e meticulosamente desmontadas. E, no entanto, a drástica cirurgia fora inútil: o berbequim não se salvou.

É pena, porque a ferramenta acompanhava-me há mais de vinte anos, desde que tinha sido adquirida para a confecção de uma mesa. Ingénio, realizei a obra na própria cozinha para a qual se destinava o móvel. Serrei madeiras, fiz os furos, montei, lixei, pinte. Anos mais tarde, numa mudança de casa, revelou-se que a mesa não passava na porta. Só de lá saiu amputada, com os pés serrados, tendo sido despromovida a revestido.

O berbequim não teve culpa. Na verdade, só acumulou glórias. Ajudou-me a fazer outras mesas, um berço, três camas, estantes, gavetas e, naturalmente, a furar paredes. Com a idade, desenvolveu um problema de postura: conforme o seu ângulo em relação à vertical, deixava de funcionar.

Notando que claudicava, resolvi curá-lo. E desmontei-o por completo - procedimento clássico da bricolagem amadora, que por norma resulta em desgraça. Numa experiência anterior, já tinha desmembrado uma máquina de lavar roupa. Até ficou arranjada, mas agora, além de lavar, também canta e dança - isto é, faz um barulho infernal e rebola incontrolavelmente.

Consertar objectos caseiros não está na moda. Um utensílio avariado mais facilmente vai parar ao caixote do lixo do que a mãos que o reparam. Por apenas um parafuso solto, um mau contacto ou um fusível queimado, aquilo que era designado como electrodoméstico - termo dotado de alguma poesia - passa rapidamente a “resíduo de equipamento eléctrico e electrónico”, como a insípida burocracia os baptizou.

Não é à toa que todos os anos são recolhidas em Portugal cerca de 50.000 toneladas dos cognominados REEE.

Era tudo o que eu não queria para o meu berbequim. Tinha de o pôr de novo a funcionar. E à medida que o desmontava, à procura da origem da sua enfermidade, ficava mais convencido do absurdo que seria enviá-lo para a sucata, digo, para a reciclagem. Cada peça era uma autêntica obra-prima da mecânica e da electrotécnica: os eixos, as rodas dentadas, o rotor, os ímanes, a cabeça para prender as brocas, os encaixes perfeitos, os parafusos, as soldas, os cabos. Tanto engenho e tecnologia, prestes a transformar-se em matéria-prima de segunda para alimentar um forno siderúrgico algures, possivelmente na China.

Decompôr a ferramenta não apresentou dificuldades, mas achar onde estava o problema é que foi o cabo dos trabalhos.

**Decompôr a ferramenta não apresentou dificuldades, achar onde estava o problema é que foi o cabo dos trabalhos**

O candidato mais provável era a conexão de um fio ao motor. E foi no momento em que eu investigava esta possível via de infecção que se partiu uma pequena lingueta metálica e o respectivo suporte de plástico.

Estava o caldo entornado, era estrago sem conserto. Jamais encontraria aquela peça. E mesmo que existisse, só estaria disponível ou no distribuidor autorizado da marca, inevitavelmente localizado atrás do sol-posto, a muitos quilos de CO2 de distância, ou na Internet, com portes de envio inoportunos para o artigo em questão. Do ponto de vista da sustentabilidade, o saldo seria comprometedor.

O fim do berbequim foi declarado às 21h32 de uma terça-feira de Inverno, aos 23 anos de idade. Mas não marquei o enterro ainda. Se um dia achar a tal lingueta, ainda o ressuscito.